

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

- Depoimento de Paulo Rogério Neves Freire,
em 10/07/1964, no IPM, sobre sua atuação
no Serviço de Extensão Cultural da Universi-
dade do Recife.

17 p.

TERMO DE PERGUNTAS A INDICIADO

No primeiro dia do mês de julho do ano de mil novecentos e sessenta e quatro, nesta cidade de Recife, no Quartel da Segunda Companhia de Guardas, presente o Tenente-Coronel HELIO IBIAPINA LIMA, encarregado deste inquérito, comigo NOALDO ALVES SILVA, Capitão servindo de escrivão, compareceu PAULO REGLUS NEVES FREIRE, a fim de ser interrogado sobre sua atuação no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, seu "método de alfabetização, suas atividades subversivas antes e durante o movimento revolucionário de primeiro de abril do corrente ano e suas ligações com pessoas ou grupos de agitadores nacionais ou internacionais; em seguida passou aquela autoridade a interrogá-lo da maneira seguinte: qual o seu nome, idade, filiação, estado civil, naturalidade, profissão e residência. Respondeu que se chama Paulo Reglus Neves Freire, com 42 anos de idade, filho de Joaquim Temistocles Freire (falecido) e Edeltrudes Neves Freire, casado, pernambucano, professor universitário, residente a rua Alfredo Coutinho, nº 79-Jardim Triunfo-Casa Forte-Recife. Perguntado onde estudou, explicando em detalhes, curso primário, secundário, curso superior de extensão, especializações e outros, respondeu que fez o curso primário iniciando-o em uma escola pública, cujo nome não se recorda na rua da Harmonia, aproximadamente em 1927, logo após no grupo escolar Mathias de Albuquerque em Casa Amarela; que em 1931 foi para Jaboatão, onde concluiu o Curso Primário em uma escola pública, isolada, cujo nome não se recorda que havendo falecido seu genitor, retardou seus estudos, iniciando o curso ginásial em 1936, fazendo a 1ª série, no extinto Ginásio 14 de julho, no bairro de São José em Recife, transferindo-se no ano seguinte para o Colégio Oswaldo Cruz já extinto, onde concluiu o seu curso ginásial em 1940, fazendo em seguida, o curso pré-jurídico, para em seguida, ingressar na Faculdade de Direito da Universidade do Recife, onde concluiu o curso em 1947 e que não possui nenhum curso de extensão ou especialização. Perguntado se após os estudos ou mesmo durante os currículos escolares, exerceu funções ligadas ao magistério, respondeu que como estudante de ginásio, favorecido por gratuidade, que lhe ofereceu o Dr Aluisio Araujo, diretor do Colégio Oswaldo Cruz, buscando-lhe recompensar-lhe a bondade, o depoente ofereceu sua colaboração como auxiliar de disciplina, função que exerceu até o término do curso ginásial; que chegou ao curso pré-jurídico, passou a lecionar Português no curso de admissão à quarta série ginásial; que como professor de português, no período de 1941 a 1947, lecionou, não apenas no Colégio referido, mas também no Americano Batista, na Sagrada Família, no Porto Carreiro e no Colégio Padre Felix, neste último por 6 meses, em substituição ao hoje falecido professor Moacir de Albuquerque; que em 1946, convidado pelo então diretor regional do serviço Social da Indústria (SESI) em Pernambuco, Dr Cid Feijó Sampaio, o depoente assumiu as funções de assistente da divisão de educação e cultura daquela instituição, cuja direção, aproximadamente 4 meses depois lhe foi entregue; que então, apesar de estudante de direito inclinava-se o depoente aos problemas de educação. Naquele serviço teve oportunidade de iniciar experiências no campo da educação infantil e de adultos. Que neste último campo, realizou trabalhos positivos quanto as relações entre famílias e escolas. Que conseguiu-se superar um certo ar acadêmico e verboso que caracterizava os chamados círculos de pais e mestres; faziam-se essas reuniões, informalmente. Motivavam-se as famílias através, não só de cartas-convites, mas também de visitas domiciliares realizadas por assistentes sociais. Que nestas visitas domiciliares realizadas.....

Paulo Reglus Neves Freire

BUM 266

q3B, Vol. 11

PLU 2246
Alves

[Handwritten signature]

Trabalho de Alves, Recife

.....se dizia da necessidade de um dada vês maior intercâmbio entre a escola e a família, de vês que a família como instituição natural, é a primeira agência da educação, não devendo ser banida pela escola, instituição auxiliar sua. / Que êstes trabalhos chegaram a interessar, não só a educadores de Pernambuco como a professora Isnard Moura, atual/diretora do Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação de Pernambuco, mas também ao professor Roberto Moreira, então do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e hoje diretor da Oficina de Educação da UNESCO do Chile. Que em 1954, na gestão do Sr Sebastião de Holanda Cavalcanti, assumiu o depoente a superintendência Geral da quele serviço, intensificando as atividades no setor do Serviço Social. Que nesta época, foi convidado pelo professor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima para assumir inteiramente a cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes de Pernambuco, de que aquele professor era diretor; que posteriormente, submeteu-se o depoente a concurso, obtendo o segundo lugar, tornando-se assim, docente livre da Universidade do Recife. Em seguida, por convite do professor Newton Sucupira, catedrático da mesma cadeira na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, foi o depoente nomeado seu assistente participando assim do corpo do Departamento de Educação daquela Faculdade. Que em 1958 representou o Estado de Pernambuco no 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro. A êste tempo tomou parte como coordenador de uma experiência no campo das relações entre escolas e famílias, patrocinada pela paróquia de Casa Amarela e em colaboração com a Secretaria de Educação, dirigida no momento pelo professor Aderbal Jurema. Em fevereiro de 1962, convidado pelo então reitor da Universidade do Recife para realizar o velho sonho do reitor e do depoente, programou o serviço de extensão Cultural da Universidade do Recife e que foi o diretor até março de 1964. Que em junho do ano passado, foi convidado pelo então Ministro da Educação, Dr Paulo Tarso, para coordenar o plano nacional do setor da educação de adulto, estendendo desta forma, as experiências que realizaram não apenas no Recife, mas em Angicos, no Rio Grande do Norte. Nesta cidade tínhamos conseguido com a colaboração de Universitários daquele Estado, alfabetizar cerca de 300 homens em pouco mais de um mês. Este trabalho fôra realizado a convite do governador Aluisio Alves e sob os auspícios da Aliança para o Progresso. Que sabedor dos resultados positivos pretendeu o ex-ministro referido, fazer uma campanha de âmbito nacional. Esta a razão do convite que fêz ao depoente. Com a aceitação do convite, criou aquela autoridade, a comissão nacional de cultura popular de que o depoente foi o presidente. Que a tarefa inicial daquela comissão era preparar equipes nos Estados, através de convênios com universidades federais, universidades católicas, secretarias de estado, etc; que neste sentido, iniciou-se a preparação de quadros no Paraná através da Secretaria de Educação, dirigida então pelo professor Jacundino, atual chefe do gabinete do Sr Ministro da Educação. Em São Paulo, em convênio com a Universidade Católica (Faculdade de Filosofia). Em Minas Gerais, com outra Universidade Católica. No Rio Grande do Sul, com a Secretaria de Educação e desta forma, com outros Estados do Brasil. Que com a posse do Sr Julio Sambaqui, em decorrência da renúncia do Sr Paulo de Tarso, foi criada por decreto presidencial uma programação nacional de alfabetização, de que o depoente era o coordenador. Aproveitando o trabalho já iniciado, foi intensificando a preparação de pessoal em quase todos os Estados. Perguntado que sabe, sob o ponto de vista doutrinário, a respeito dos estudos e em consequência dos processos metodos ou sistemas.....

Paulo Reges Neves Freire

Julio

13/05/1941
Thomaz Hilari

.....de instrucao decorrentes e conhecidos pelos nomes de DALTON, MONTESSORI, MACKINDER, DECROLY, KILPATRICK, IENA DE PETERSON, COUSINET, SINTETICO, ANALITICO, ANALITICO-SINTETICO, ALFREDINA, VESPERTINA, LAUBACH, respondeu que: Dalton, fundava a sua teoria da aprendizagem na participacao ativa do educando na busca do conhecimento. Que Montessori fundamentava a sua filogofia pedagogica na liberdade criadora do educando. Que nao conhece o metodo de Mackinder, Que Decroly desenvolvia o metodo de projetos. Que Kilpatrick, dentro de uma perspectiva pragmatista, vinculava a educacao as mudancas sociais. Que nao conhece o metodo Iena de Peterson. Que Cousinet baseia a sua teoria pedagogica em Rousseau; Que defende um maximo de liberdade na obra educativa. Que o metodo Sintetico vai da parte para o todo. Que o metodo Analitico, do todo para a parte. Que o metodo Analitico-Sintetico faz juncao de ambos. Que nao conhece o metodo Alfredina. Que nao conhece o trabalho da professora Vespertina. Que julga que o metodo Lauback e um Analitico-Sintetico. Perguntado se pode detalhar os varios estudos sugeridos pelo menos esclarecendo, de cada um, a sintese a que chegou cada estudioso ou cada grupo de estudiosos, respondeu que o grupo de educadores citados, participando das ideias da pedagogia moderna, defende em sintese uma educacao ativa, em que o educando supera a passividade caracteristica da escola antiga e assume uma posicao participante no seu aprendizado. Perguntado se pode precisar de cada metodo ou ensaio citado, qual a aplicacao que teve e em que pais, respondeu que de um modo geral estes educadores influenciaram e influenciam a acao pedagogica hodierna, Na Italia, nos Estados Unidos, na Franca, etc. Perguntado se pode precisar de cada um dos metodos ou processos citados, quais os resultados que produziram, onde foram aplicados, respondeu que Montessori fez suas experiencias na Italia com absoluto exito, observando-se por em vez ou outra seus discipulos nao conseguiram os mesmos resultados. Cousinet fez suas experiencias na Franca, tambem com exito. Lobach na India e no Brasil, igualmente com resultados positivos. Kilpatrick nos Estados Unidos de onde irradiou sua influencia. Perguntado se pode precisar, por exemplo em que se baseou o metodo de ensino adotado pelo Exercito dos EE UU desde 1941, respondeu que tem impressao que o metodo se baseou no respeito a pessoa do educando e uma participacao ativa de educando no seu aprendizado. Caracteriza bem a educacao americana o aprender fazendo. Perguntado se pode precisar em que metodo se baseou o ensino no Exercito Brasileiro, respondeu que no metodo ativo em que o educando e levado a conhecer usando seu esforco pessoal, sua inteligencia. Em que o educando pesquisa, cria e recria e nao apenas memoriza. Perguntado quais as deficiencias do metodo de ensino adotado pelo Exercito Brasileiro, respondeu que explicitando os valores acima citados, desconhece aspectos negativos. Perguntado qual a diferenca entre o seu "metodo" de ensino e o metodo de Dalton, respondeu que a preocupacao do depoente nao era apenas a de alfabetizar mas tambem a de educar o adulto; parte o depoente de uma crenca profunda no homem. Na sua capacidade natural de conhecer, uma vez que nao esta apenas no mundo, mas com o mundo. A diferenca no campo especifico da alfabetizacao esta em que esta, para o depoente e um processo que parte de dentro para fora. Apreendendo o homem o mecanismo fonemico de formacao vocabular de uma lingua silabica como a portuguesa, com o auxilio do educador inicia o alfabeto, ele mesmo, a montagem do sistema de sinais graficos. Perguntado qual a diferenca entre seu "metodo" e o de MacKinder, respondeu que nao conhece o autor. Perguntado qual a diferenca entre seu metodo e o de Kilpatrick, respondeu que

.....

..... que a diferença está propriamente entre a filosofia da educação Kilpatrick e as convicções filosóficas e religiosas do depoente, que é cristão. Perguntado qual a diferença entre o seu método e o de Iena Paterson, respondeu que não conhece a autora. Perguntado qual a diferença entre seu método e o de Cousinet, respondeu que mais uma vez a diferença está na filosofia daquele autor, de caráter naturalista e a opção filosófica e religiosa do depoente já citada. Perguntado qual a diferença entre o método do depoente e o de Pabaee, respondeu que o Pabaee é uma instituição de estudos pedagógicos Brasileiro-Americana que por isso mesmo (pedagógico), pesquisa métodos, processos, técnicas, educativas. Que o depoente não conhece os estudos do Pabaee no campo da educação no Brasil. Perguntado qual a diferença entre o método do depoente e o de Decroly, respondeu que cabem as mesmas palavras com relação a diferença do método do depoente e o de Dalton. Perguntado qual a diferença entre o método do depoente e o de D. Alfredina, respondeu que desconhece o método de D. Alfredina. Perguntado qual a diferença entre o método do depoente e de Vespertina, respondeu que pelo pouco que o depoente conhece o método da professora Vespertina, este responde às necessidades da criança e o trabalho do depoente se fazia com adultos. Perguntado qual a diferença fundamental entre os métodos de D. Alfredina e de Decroly, respondeu que não pode se manifestar pois desconhece o método de D. Alfredina. Perguntado qual a diferença fundamental entre o método Vespertina e Iena Paterson, respondeu que desconhece o método de Iena Paterson. Perguntado qual a maior desvantagem para o Brasil do método Kilpatrick, respondeu que apesar de toda a fundamentação democrática de Kilpatrick o seu pragmatismo não parece, ao depoente, vantajoso. Perguntado qual a vantagem fundamental do método de Decroly, sobre os de Dalton, Montessori, e MacKinder, respondeu que está na seriação programática do aprendizado, motivadora e ativa. Perguntado se pode esclarecer melhor a razão porque o método de Kilpatrick não se adapta, ou melhor dizendo não se presta ao Brasil nas condições atuais, respondeu que não só nas condições atuais, mas em outras quaisquer não parece ao depoente interessante ao Brasil uma educação enfaticamente programática e que esqueça a dimensão transcendental do homem. Perguntado se pode dizer qual é verdadeiramente seu método de alfabetização esclarecendo, também, se ele é um método de ensino de modo geral ou apenas de alfabetização, respondeu que a preocupação fundamental do depoente jamais foi a de apenas alfabetizar. Sua preocupação era sobretudo educar. Partia como já foi dito acima da convicção de que o homem é um ser que não está apenas na realidade, no mundo mas com ele. O estar com o mundo implica em que o homem é um ser de relações, o que o distingue do outro animal que apenas contacta o mundo. Daí que o conceito de relações guarde em si características tais como: temporalidade, consequência, reflexibilidade e transcendentalidade. Esta transcendentalidade, acrescente-se, está na raiz da própria limitação do homem, ser finito, cuja plenitude se encontra no seu retorno a seu Criador. Parte o depoente de que relacionando-se com o mundo, desafiado por ele, o homem conhece. Importa porém saber -se qual a via deste conhecimento. O homem comum analfabeto usa uma via preponderantemente sensível, de que decorre um conhecimento preponderantemente mágico, de outro lado usamos uma via preponderantemente reflexiva, e que resulta num conhecimento crítico. A uma compreensão mágica em termos preponderantes, se segue uma ação também mágica, de vez que a toda compreensão corresponde cedo ou tarde uma ação. Era preciso assim um método educativo que fosse capaz de ajudar o homem a operar esta transformação. Um método educativo que fosse capaz cada vez mais de humanizar o homem. Precisava-se portanto de um método ativo e de uma modificação no conteúdo pro-

Resposta ao Depoente Nelson F. ...

19/9/65

gramático da educação de adultos. E isto antes do mesmo de se pen-
sar em alfabetizar. O método seria o do diálogo, que é amoroso, /
humilde, reflexivo,, esperançoso, comunicante e que se opõe ao /
anti-diálogo desamoroso, sem humildade, desesperançoso e anti-co-
municante. Mas quem dialoga, dialoga com alguém sobre algo. Este/
algo seria o conteúdo da programação que deveria ajudar pela dia-
logação a montagem daquela compreensão reflexiva referida acima.
Pareceu ao depoente não haver melhor tema para tal que o conceito
antropológico de cultura. Reduzido este conceito a algumas de ///
suas dimensões, seriam estas ilustradas numa sequência lógica.
O debate destas situações leva o homem a descobrir-se como //
pessoa e porque pessoa, sujeito e não objeto. Leva a descobrir o
sentido transcendental de suas relações. A perceber o seu papel /
no mundo. A descobrir que cultura num aspecto amplo é todo acres-
centamento que o homem faz ao mundo que não fez. Para a alfabeti-
zação, pareceu ao depoente: 1º) que não se fazia necessário o uso
da cartilha; 2º) que se poderia reduzir o número das chamadas pa-
lavras geradoras até 15 ou 18; 3º) que estas palavras geradoras /
deveriam ser retiradas do vocabulário comum da população da área/
a ser educada. Daí a realização de um levantamento vocabular. 4º)
que feito o levantamento, as palavras seriam escolhidas mediante /
os critérios seguidos, digo, seguintes: riqueza fonêmica, dificul-
dades fonéticas; 5º) Estas palavras geradoras seriam colocadas em
situações peculiares aos analfabetos, ora englobando a situação, /
ora um objeto da mesma. 6º) Feita a discussão de determinada si-
tuação, passa o educador à visualização da palavra geradora que, /
em sequência, vai aparecendo decomposta. Feita a análise da pala-
vra geradora, parte-se para a síntese oral logo depois para a es-
crita. Num método rigorosamente analítico-sintético, decompõem-se
uma palavra geradora, outras ou outras e em seguida combinam-se /
as suas sílabas. Para o depoente, decompõe-se uma palavra geradora
parte-se para o estudo de suas famílias fonêmicas. Assim, a par-
tir de BELOTA, primeira palavra geradora usada em Angicos, estu-
dam-se as famílias: BA-BE-BI-BO-BU, LA=LE-LI-LO-LU, TA-TE-TI-TO-
TU. Diante de uma ficha como esta, o analfabeto, no primeiro dia,
na síntese, recompe a palavra geradora BELOTA e cria com outras
combinações, novas palavras; Por exemplo: LATA, LOBO, TOLO, etc. É /
aí que o analfabeto apreende o mecanismo de combinação fonêmica /
na formação vocabular de sua língua. E porque se apropria deste /
mecanismo, se alfabetiza com facilidade. O mais importante para o
depoente é que todo este trabalho se funda num absoluto respeito /
a pessoa humana. Jamais aceitou ou defendeu o depoente a diminui-
ção do homem, a sua massificação. Para o depoente, o fundamental /
é educar, jamais indoutinar. Perguntado como pode o depoente que
conforme seu depoimento, até o presente momento, apresentou verda-
deira inocência educativa, ter pretensões de educador, respondeu /
que não cabe ao depoente julgar-se. Perguntado, tendo por base o /
seu depoimento, segundo o qual declara repetidas vezes de ~~de~~ ~~de~~ que
as diferenças entre "seu método" e outros, estão nas filosofias, /
mostrando, por outro lado, singular inocência com relação a cada /
um deles, como é capaz de distinguir entre um e outros, respondeu
que nada acrescenta às respostas dadas. Perguntado se pode excl-
recer o que significa "homem-relação" e mais ainda, se é uma ex-
pressão, um símbolo ou um conceito, respondeu que se referiu o de-
poente, ao homem como um ser de relações, isto é, como um ser abe-
to, capaz de responder conscientemente aos desafios do seu contex-
to; Que empregou o conceito de relações, da esfera puramente huma-
na em oposição ao de contacto, da esfera do outro animal. Pergun-
tado, em relação à palavra TEMPO que empregou, se ela exprime ho-
ras de alfabetização, respondeu que pretendeu o depoente, quando /
empregou a palavra TEMPORALIDADE, como uma das notas do conceito /
de relações, referir-se ao fato de que precisamente por que exis-
te, o homem é um ser temporal, Ele e só ele é capaz de varar o tem-
po e tridimensionaliza-lo. O outro animal vive sob um hoje eterno.
Perguntado porque o alarde de um tempo limitado, respondeu que...

Relatório de Pesquisa

16-22-49
M. L. S.

Resumo de Reflexões de Newton Freire

Jamais teve intenções de alardear. Referiu-se apenas a um fato. Perguntado se pode precisar com exatidão o período necessário para a alfabetização pelo seu suposto método, acusando o período virtual do aprendizado, respondeu que de mês e meio a dois meses, o homem consegue ler e escrever. Jamais pensou, porém, o depoente que fosse isto suficiente. Daí as fases que se deveriam seguir a alfabetização. Perguntado se nunca o depoente soube ou ouviu falar de educadores que alfabetizavam em igual período, respondeu que segundo publicação da UNESCO, o depoente tinha conhecimento de ser realizada a alfabetização entre cinco e seis meses. Perguntado se para o depoente, TEMPO e TEMPORALIDADE são sinônimos, respondeu que não, a temporalidade é uma resultante da inserção que o homem faz no tempo. Perguntado se o depoente pode explicar o motivo porque com a sua tão grande e profunda crença no homem, tem tanta ânsia de fixar um período de tempo, respondeu que não tem tanta ânsia em fixar tempo rápido para a alfabetização, em que se esta rapidez seja necessária à solução de problema tão grave entre nós. Insiste o depoente em que sua intenção era aprofundar os conhecimentos do homem, nas fases posteriores à alfabetização. Perguntado se a palavra consequência empregada em resposta a uma pergunta anterior está significando efeito ou resultado, respondeu que a palavra consequência foi empregada como uma das notas do conceito de relações, da esfera humana, em oposição ao de contacto, da esfera do outro animal, significando o caráter interferente, modificador, das relações do homem com o mundo. Respondendo aos desafios de seu contexto, o homem cria e recria. Daí o aspecto consequente de suas relações. Perguntado se a consequência, para o depoente, transforma o mundo e opera o homem, respondeu que o sentido da palavra consequência empregada pelo depoente, foi explicitada na resposta anterior. Sujeito e não objeto, o homem em suas relações com o mundo, marca-o e altera-o. Não é operado, no sentido de determinado, se bem que influenciado. Perguntado que entende o depoente por reflexividade, esclarecendo se são reflexos do comportamento, análises de situações ou conhecimentos críticos, respondeu que usou a palavra reflexividade como uma das notas do conceito de relações, significando a vocação do homem para a análise de situações, de que resulta conhecimentos. Perguntado do nêsse sentido da alfabetização e ligado à palavra reflexibilidade, que entende o depoente por crítico, respondeu que usou a palavra crítica, como atributo de compreensão, para significar que esta se fazia em termos mais racionais. Perguntado se o depoente entende TRANSCENDENTALIDADE como dimensão do homem, respondeu que a transcendentalidade é a via pela qual o homem, ser criado, finito e indigente se reencontra com seu Criador. Perguntado se o depoente entende transcendentalidade como um retorno ao seu Criador e se pode explicar, respondeu que ser criado finito e indigente, só no seu retorno a seu criador terá mesmo o homem a sua plenitude. Perguntado se o HUMANIZAR empregado pelo depoente significa humanizar o homem ou humanizar os homens e se essa humanização do homem ou dos homens é com o mundo ou no mundo, respondeu que usou a expressão humanizar o homem no sentido de oferecer-lhe meios pelos quais, digo, com os quais se armam contra o perigo da massificação, que lhe anulará a capacidade de optar. Perguntado se o depoente entende que humanizar é libertar o homem, respondeu que humanizar é ajudar a libertar o homem na medida em que se desenvolvam as suas potencialidades e em que afirmes como sujeito. Perguntado se para o depoente, tendo em vista a palavra PRAGMATISMO que usou, pragma é ação, respondeu que é ação prática, que resulta a identificação da educação com a vida mesma, sublinhando o valor da experiência. Perguntado ainda, se em ligação com a pergunta anterior, se ação é igual a movimento, se movimento, é do mundo sensível ou crítico, se movimento modifica as coisas, se as mudanças são ativas ou passivas, respondeu que toda ação implica em movi-

Fls 2250
Alfabetização

modo acima referido como entende a politização. Perguntado se des-
conhece ou nega a satisfação dos comunistas porque o resultado de
Angicos foi mais favorável à politização que à alfabetização, res-
pondeu que sinceramente desconhece. De resto, interessava ao depo-
ente seu trabalho no sentido de uma educação realmente democráti-
ca. Por isto é que sempre se bateu. Os resultados de Angicos fo-
ram realçados pela Aliança Para o Progresso, de que um de seus di-
retores, senão o diretor geral, ainda este ano defendia o método
em carta a um conceituado jornal do Rio (O Globo) contra acusa-
ções que o apresentavam como um esforço anti-democrático. Pergun-
tado se nega que em Angicos, inicialmente, a pesquisa revelou me-
nos de 10% de marxismo e que após a aplicação de seu método de po-
litização, nova pesquisa, em menos de 60 dias, já revelou mais de
30% de marxismo, conforme afirmação do Dr Coitinho do DRH da SUDE-
NE, respondeu que apesar de não ter permanecido em Angicos, indo
lá apenas 3 a 4 vezes durante a experiência, desconhece o depoente
tais resultados. Espanta-se mesmo com eles, pois o que se fez/
em Angicos não foi doutrinação marxista. Acrescenta-se ainda que/
aquela experiência era comandada pela CECERNE, órgão responsável/
pelo andamento dos convênios no campo da educação entre a Aliança
para o Progresso e o governo do Estado do Rio Grande do Norte, //
tendo à frente, se não se equívoca o depoente, o Secretário de E-
ducação do Estado. Perguntado quais as fases que se deveriam se-
guir à alfabetização, respondeu que após a alfabetização deveria/
iniciar-se uma fase em que se tentaria, usando-se a mesma técnica
de execução empregada na primeira, dar o programa do curso primá-
rio e numa outra fase, que poderia preparar o homem para sua en-
trada em ginásios ou escolas técnicas, se ampliariam os seus co-
nhecimentos, partindo-se da análise de sua realidade local, regio-
nal e nacional. Perguntado, se não tem tanta ânsia para estabele-
cer um curto período para alfabetização de adultos, porque esta é
rá, justamente a única característica tornada pública e alardeada
por todos os meios de comunicação disponíveis no país, respondeu/
que o alarde realmente feito em torno do tempo rápido para a alfa-
betização se deve antes à própria imprensa. Para o depoente o as-
pecto fundamental do seu trabalho não é realmente este. Pergunta-
do por que falando tanto em diálogo, seu suposto método não passa
de um grande monólogo e monólogo orientado, sem possibilidade de
opção, respondeu que o diálogo para o depoente é e sempre foi in-
dispensável. Sem ele não será possível comunicação. Sem ele não
será possível educar para a opção. Se alguém usou o método sem di-
álogo impondo suas idéias e opções, traiu-o e às convicções do
depoente. Perguntado por que todos os seus programas e seus deta-
lhes são amarrados no tempo, respondeu que se o tempo a que se re-
fere a pergunta diz respeito a prazos estabelecidos para o cumpri-
mento de programas, não vê o depoente nada negativo. Perguntado
por que apenas onze "situações", respondeu que as onze situações/
a que se refere a pergunta devem ser aquelas com as quais, atra-
vés do diálogo, se davam as diferenças entre o mundo da natureza/
e o da cultura, a que o depoente já se reportou. Foram escolhidas
onze, como poderiam ter sido algumas a mais ou algumas a menos. O
que importava é que as situações, colocadas em uma boa sequência,
fossem capazes de propiciar a concretização do objetivo desejado:
a distinção entre o mundo da natureza e o da cultura, com as decar-
rências já expostas. Perguntado se reconhece que o seu suposto mé-
todo, mesmo na parte de conscientização e politização, não contem-
plando originalidade face aos métodos usados por HITLER, MUSSOLINI, STA-
LIN e PERON que tentou estabelecer através seus representantes na
conferência internacional de educação realizada em Punta Del Este
respondeu que em face do que já expôs, jamais poderia o depoente/
reconhecer qualquer semelhança, até longínqua, entre seu trabalho
e métodos empregados por HITLER, MUSSOLINI, STALIN ou PERON. Para
Hitler, Mussolini, Stalin e Peron o homem não passava de mero ob-
jeto. Que lhes interessava era a sua redução a COISA, que eles pu-
dessem manipular em função de seus interesses. Seus métodos por
isso mesmo, teriam de ser os que escravizassem o homem à força //
dos mitos, nunca os que respeitasse a pessoa humana. O depoente..

W. C. Coitinho Neves

12/2/52
W. C. Coitinho

jamais aceitou este desreito, digo, desrespeito. Defendeu sempre pelo contrário, o homem como pessoa. Perguntado se um plano assim tão amarrado no tempo, nas situações e nos processos, não traz nazismo de HITLER, fascismo de MUSSOLINI, marxismo de STALIN ou peronismo de PERON, respondeu que não. As situações, os processos e as técnicas, tanto poderiam ser usados para um fim como para outro. O que importa, no caso, é a posição assumida pelo depoente em face do destino do homem. Vem deixando o depoente, bem claro em suas respostas que a sua posição é a de um cristão católico, inconsiliável com a redução do homem a COISA. Perguntado se pode explicar o abuso que faz da palavra RECRIADOR e seus derivados e o que significam, respondeu que tem usado a expressão recreador, sem relação ao homem, referindo-se à sua capacidade de modificar aspectos do mundo que ele não criou. Perguntado se pretende que os atuais métodos de ensino aplicados pelo Exército Brasileiro são velhos e que o depoente lhes deu enfoque novo, respondeu que ao referir-se a afirmação de DEWEY, sobre originalidade, dirigiu-se ao campo da alfabetização. Perguntado qual o conceito que o depoente faz de CULTURA, respondeu que CULTURA num sentido amplo, é todo acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. Neste aspecto, é tão cultura o tapete do índio como a tela de um pintor; o boneco de Vitalino como a poesia de Manuel Bandeira. Perguntado se a cultura é de um homem ou de um povo e se a cultura se reflete do povo sobre o homem, respondeu que não há povo que não tenha sua cultura no sentido acima exposto. Que não tenha ideias, anseios, refletidos na sua criação e na forma de existir. Na medida em que estes anseios e ideias vão se objetivando, influenciam a todos. A cultura não é patrimônio de um homem, mas da humanidade. Há porém homens mais cultos do que outros. Neste sentido, a cultura aparece como a incorporação sistemática da experiência humana. Perguntado porque, na ficha do Curso de Formação de Coordenadores (alfabetizadores) - Decisões tomadas na reunião de 20 Fev 64; 1ª) a palavra DADOS está entre aspas; 2ª) porque dos grandes temas comuns, apenas o político está entre aspas, respondeu que apesar de não ter estado presente àquela reunião, julga o depoente poder esclarecer as aspas colocadas na palavra DADOS, e que a equipe encarregada da formação, possivelmente quis chamar a atenção para o fato de que, mesmo generalizar a expressão "curso dado", pretendia evitar qualquer sentido passivo que a palavra DADO pudesse sugerir. Daí a ênfase em que o curso deveria ser feito ativamente. Quanto às aspas da palavra POLITICA, nada sabe ou avalia. Perguntado porque a redação do 4º item do documento citado na pergunta anterior, volta ao DADO entre aspas e ainda mais, tem o NO DURO entre parêntesis, respondeu que a palavra DADO volta a aparecer entre aspas, seguida da expressão entre parêntesis NO DURO, confirmando, no parecer do depoente, a explicação feita anteriormente. Observa-se que a expressão NO DURO é antecedida da afirmação de que o curso deveria ser feito como se fosse no círculo de cultura, quer dizer, de forma ativa. Perguntado como entende o depoente o conceito OPÇÃO, respondeu que OPÇÃO é escolher livremente. Que não há opção sem liberdade de escolha, daí que, nos regimes ditatoriais não haja opção, mas imposição. Na democracia é possível optar. Perguntado entre que conceitos pode optar, em política, um "alfabetizado" pelo seu suposto método, depois de se submeter a uma intensa politização, conforme o atestam as fichas desenvolvidas em torno das palavras geradoras, respondeu que insiste o depoente em que jamais determinou, ou ao menos sugeriu, devessem os alfabetizadores politizar. O depoente já deixou claro sua posição neste aspecto. Está convencido de que verdadeiramente conscientizar e não politizar, a opção do ex-analfabeto seria democrática. Perguntado qual a política preconizada pelo seu método de politização, respondeu que reinsiste o depoente em que seu método não era de politização e repete que seria uma distorção de suas ideias e de seus objetivos usá-lo para aquele fim. A preocupação do depoente, mais uma vez afirma, era de uma educação democrática. Perguntado qual o..

Curso de Form. de Coorden. de Instr. de Alfabetizadores

ambiente que serviu de base ao seu método de conscientização, res-
pondeu que as primeiras experiências foram feitas quando o depoente
coordenava um trabalho de educação de adultos no Movimento de
Cultura Popular. Com a criação do Serviço de Extensão Cultural da
Universidade do Recife em 1962, que motivou o afastamento do
depoente daquele Movimento, as experiências continuaram, já ago-
ra a cargo do SEC. Perguntado para que tanto palavreado que com-
plicado e até mesmo não constante de dicionário, que usa, siste-
maticamente para apresentar ou justificar o método de politiza-
ção e conscientização, Paulo Freire, respondeu que usa as pala-
vras que lhe parecem ajustadas ao que pretende expor. Acrescen-
ta que seu método não é, do ponto de vista dos objetivos do depo-
ente, de politização. Perguntado quais os elementos do grupo
francês que estavam ligados ao depoente no setor da educação,
respondeu que o depoente manteve e mantém relações com o sociólo-
go JOFRE DUMAZEDIER, com quem esteve pessoalmente no Recife. A-
lem desses, o depoente manteve correspondência com o professor
PAUL LENGAND da UNESCO, sediada em Paris. Perguntado quais os e-
lementos do grupo francês que o depoente pode afirmar com certe-
za que não pertencem ao PC Francês, respondeu que ao que conste-
ao depoente, nenhum desses dois professores, faz parte do PC. //
Perguntado quem é LANDA, que atuava em São Paulo, respondeu que
o depoente não conhece nenhuma LANDA. Exclarecido porém que se
tratava de pessoa da amizade de dona Violeta, admite ser dona IO
LANDA, de cujo sobrenome não se recorda. Perguntado se no seu
entender, há "consciência social" na URSS, na CHINA ou em CUBA,
respondeu que se se tomar "consciência social" como algo que repou-
sa numa mentalidade aberta, não. Perguntado qual a estruturação
do Serviço de Extensão Cultural, respondeu que o SEC tinha um di-
retor e um secretário executivo. Sua estrutura que não era rígida,
compreendia setores com seus responsáveis. Setor de extensão,
de formação, de pesquisas sociais, a rádio, além da parte pura-
mente burocrática. Funcionava porém como uma equipe. Perguntado
se reconhece como do SEC as dezoito fichas que lhe são mostra-
das no momento, uma a uma, denominadas: ROÇADO, FARINHA, TERRA /
SECA, ENGENHO-ENXADA, CHUVA, ficha sem título, cuja primeira li-
nha é "O POVO NÃO TEM DINHEIRO PARA COMPRAR", outra MÁQUINA, TRABAL-
HO, CEGO-GUIA, POBREZA, POVO, CLASSE-ELEIÇÃO, outra ficha cuja
primeira frase é "O POVO É TRABALHADOR", TIJOLO, CASA, DEBATE DAS/
SITUAÇÕES SOCIOLÓGICAS (com duas folhas), CLASSE, e uma ficha cu-
primeira frase é "O TIJOLO É FEITO DE BARRO", respondeu que ape-
sar de não ter participado da feitura desses roteiros por se a-
em Brasília na época, admite que tenham sido elaborados pela equi-
pe do SEC. Perguntado se reconhece como do SEC (equipe de Forma-
ção) - Curso de Formação, etc o documento que lhe é apresentado e
que será juntado aos autos do presente IFM, respondeu que sim. /
Perguntado que desafio representam as palavras geradoras, desafio
a que ou a quem, respondeu que as palavras geradoras em si mesmas
não representam desafio no sentido de estímulo, mas a situação /
em que estão. O estímulo (desafio) se faz ao analfabetos. Pergun-
tado como pode o homem optar, se pelo próprio espírito de seu sa-
posto método de alfabetização ele se submete, realmente, a um tre-
mendo bombardeio de conceituação de luta de classe, em período de
tempo amarrado dentro de grande rigor, com sentenças preparadas /
para cada turma, local e época a tal ponto que não compreende qual-
quer cartilha por ser considerada reacionária, respondeu que pelo
espírito do método, os participantes dos círculos (analfabetos) /
não devem ser, como já foi enfatizado, indotrinados. Estimulados
pelas situações, escutam-nas livremente sem que o coordenador ///
(alfabetizador) imponha suas ideias. Os roteiros são elementos ///
subsidiários dos coordenadores e não o gaminho rígido que devam //
seguir. Nunca foi, por outro lado, intenção do depoente incitar à //
luta de classes. O depoente considerou as cartilhas como algo de //
reacionário do ponto de vista extrinsecamente pedagógico. Talvez me-
lhor tivesse dito que eram superados, no que tange à alfabetiza-

Recife de Paulo Freire

2254
Paulo Freire

M. L. ...

Relatório de ...

ção de adultos. Perguntado como pode não ter dado valor aos coeficientes do projeto de Angicos a tal ponto que já nem se recorda dos pontos fundamentais, respondeu que o depoente deu à experiência de Angicos, a atenção merecida. Na verdade, porém não se recorda no momento de seus índices estatísticos, afirmando todavia que hoje resultados positivos. Perguntado como pode, digo, se pode negar que foi, tomando por base os resultados de Angicos, proclamados pelos mais espalhafatosos recursos de propaganda dirigida, que seu suposto método de alfabetização, agora reconhecido e definido como destituído de originalidade em suas próprias declarações, foi aceito pelo governo federal para o plano nacional, respondeu que o noticiário espalhafatoso dos jornais, a que se refere, a pergunta, não foi feito e nem orientado pelo depoente por outro lado, mesmo que nenhuma originalidade houvesse em seu trabalho, a intensão do depoente, afirmada e reafirmada, era a de oferecer alguma contribuição à solução do problema do analfabetismo e nada mais. Isto foi feito. Não pode o depoente afirmar terem sido ou não as notícias e reportagens de jornais o que motivou o ex ministro Paulo de Tarso a convidá-lo para tal empreendimento. Perguntado quanto gostou ao governo federal a "patente" do seu método de "concientização" e "politização", respondeu que nunca tirou patente de seu método Perguntado até o presente momento de que estados ou territórios da Federação recebe "ROYALTY", digo, "ROYALTIES" pela aplicação de seu método de "concientização" e "politização", respondeu que de nenhum. Perguntado se tem tanto interesse na educação realmente democrática, como demonstrou tanto descaso pelos resultados estatísticos de Angicos e que resultou em excelente teste de politização marxista, respondeu que o depoente jamais afirmou não ter tido pelos resultados de Angicos. Esclarece também mais uma vez que aquela experiência foi realizada sob o comando do CECERNE, órgão que dirigia os convênios entre o governo do Estado do Rio Grande do Norte e a Aliança Para o Progresso, no campo da educação. Mais ainda: não é e jamais foi marxista. Perguntado se, em que pesem suas respostas anteriores, com os roteiros empregados em ANGICOS, poderia mesmo ser outro o resultado que não uma intensa politização marxista, respondeu que o depoente não se recorda realmente destes roteiros e não os fez. De qualquer forma viu em Angicos homens alfabetizados e não marxistamente politizados. Perguntado se a sua insistência sistemática na palavra realidade (local, social, política, brasileira, nacional, etc) significa apenas um seguir, sem sentido outros autores ou se, pelo contrário, significa que a nossa organização social, política, nacional, brasileira é uma irrealidade, uma mentira e que devem, portanto, ser radicalmente transformados, respondeu que ao referir-se à realidade local, regional, ou nacional, tratava-se naturalmente às condições sociais, históricas, etc. Entendia e entende que esta realidade é real e que precisa de sofrer modificações, em termos democráticos, pelas quais sempre se bateu. Modificações que hoje vêm sendo tão bem encaminhados pelo Exmo Sr. Presidente CASTELO BRANCO. Perguntado se depoente não estava de acordo com o alarde feito pela imprensa em torno do tempo curto de politização e "concientização" de seu suposto método de alfabetização, porque não protestou em solidariedade aos numerosos educadores que alfabetizavam nas mesmas condições ou melhores, respondeu que, ao parecer do depoente, digo depoente, fez o que lhe parecia certo: em toda ocasião propícia chamou a atenção para o fato que não era o tempo rápido de alfabetização o fundamental, mas a formação do homem, que se devia seguir pelas fases posteriores. Dificilmente porém os jornalistas evitavam o alarde referido. A responsabilidade não era do depoente. Perguntado se "seu método" conforme declara, não tinha pretensões de originalidade, quem pagava a custódia, e espalhafatosa propaganda pelos jornais, rádio e TV, respondeu que a originalidade ou não do método não está em jogo neste caso. Quanto às despesas da campanha eram autorizadas pelo Minis

150 22 20
Alcides P.

pelo ministro e não pelo depoente. Perguntado se depois de esse clarecido de que todos reconhecemos que o diálogo é indispensável e só ele realmente educa, repetindo-se a pergunta - "por que falando tanto em diálogo, as amostras de seu suposto método não passam de um grande monólogo e monólogo orientado, sem possibilidade de opção por parte do aprendiz ou coordenador", respondeu que concorda totalmente com a formulação feita na pergunta de que só o diálogo educa. Por isso mesmo é que sempre enfatizou esta afirmação. Por sugestão ou orientação do depoente jamais funcionou qualquer círculo de cultura sem o diálogo ou qualquer curso de formação de coordenador sem que este não fosse visto como uma pessoa e por isso respeitado no seu direito de opinar e optar. Perguntado se não reconhece que o diálogo pior que existe é justamente aquele que é dirigido de fora, por um grupo extra, forçado sob controle entre um grupo e um coordenador, respondeu que não era esta a forma de diálogo que o depoente defendia. Qualquer imposição de um dos polos do diálogo sobre o outro implica em sua morte (do diálogo). Perguntado se a semelhança entre os processos dos educadores de HITLER, MUSSOLINI e STALIN E PAULO FREIRE, não está exatamente em que, um grupo, na Alemanha o nazismo, na Itália o fascismo, na Rússia o marxismo e no Brasil o esquerdismo caboclo e sem orientação, todos - os grupos - citados, constituindo, em cada país de origem, a base de organização, digo a base organizadora do grande monólogo que envenena sob orientação e conforme a vontade, mostrando uma "realidade" com forma preestabelecida, assim massificando o homem que é transformado em coisa, respondeu que concorda com as semelhanças entre os métodos usados por Stalin, Mussoliná, Hitler, para a diminuição do homem, para a sua massificação. Jamais aceitaria porém qualquer semelhança, como já afirmou, mesmo longínqua, entre aqueles métodos e o que sempre defendeu e viveu o depoente. Como poderia o depoente, cristão católico, e o afirma conscio de toda a responsabilidade que sabe recair perante DEUS, sobre quem existe ou tenta existir cristamente, pregar e realizar o desrespeito da pessoa humana? Exatamente porque cristão católico, havia combinado com D. JOSÉ NEWTON em BRASÍLIA, com D. Fernando em Goiana e com D. Carlos de Coelho em Recife (infelizmente falecido) com a adequação do seu método a educação religiosa. Preocupação idêntica a D. Helder. Perguntado em que estados o seu processo já atingiu a 2ª fase ou a 3ª fase, respondeu que as fases subsequentes à alfabetização vinham sendo estudadas pela equipe do SEC. Em S. Paulo, após uma experiência pequena de alfabetização no município de Ozasco, iniciava-se, segundo informações que recebeu o depoente um ensaio da 2ª fase. Era intenção do depoente fazer experiências piloto para efeito de estudo. A 3ª fase nada havia a não ser em estudos. Perguntado se em face da realidade que Yolanda - que Violeta Arraes chama de Landa - em carta de 29 Jul. 1963 (vinte e nove de julho de mil novecentos e sessenta e três) entregou, digo empregou as seguintes expressões, referindo-se a Paulo Freire: "é uma boa experiência para a fabricação do material"; "os trabalhos só tomaram forma e rumo, após a passagem de Paulo Freire"; "tudo começou pela alfabetização, porém já está engrenada a 2ª fase que é a mais importante", pode explicar que significa "fabricação de material", "tomar forma e rumo", e "engrenada a 2ª fase", respondeu que "a fabricação do material" se referia ao usado na aplicação do método. Quanto "a 2ª fase que é a mais importante" trata-se realmente da 2ª fase a que o depoente já se referiu. Quanto a afirmação "os trabalhos só tomaram forma e rumo, após a passagem de Paulo Freire", trata-se uma visão que fez o depoente a S. Paulo, em que discutiu o andamento do trabalho. Perguntado quem é Yolanda, respondeu que Yolanda Betancourt, nome de solteira foi diretora

56 2257
Milio
Diretor

diretora ou o que o valha, do setor de publicações da AGIR, e que morava em S. Paulo e hoje reside em Minas. Perguntado se se submete a um confronto de alfabetização com os processos de D./ALFREDINA, D. VERPERTINA ou outro processo audio-visual, em igualdade de riqueza e ainda em igualdade de tempo, para verificar qual o mais eficiente, respondeu que sim. E que será o primeiro a afirmar as vantagens e superioridades de qualquer método sobre o seu. Sua preocupação repete, nunca foi outra que não a de ajudar o seu país. Jamais o dominaram interesses subalternos ou vaidades. Perguntado porque no interesse do mesmo país não foi o primeiro a realizar, exigir ou sugerir o confronto citado na pergunta acima, respondeu que poucas não foram as vezes em que falou sobre suas experiências, não só no Recife mas em outras cidades, jamais afirmando ser o dono da alfabetização Nacional e que concretizaria o que afirmou acima. Ao Ministro, chegou a propor uma reunião de educadores brasileiros para uma discussão, digo, para a discussão não só dos resultados de seu trabalho mas de outros. Perguntado se o governo fez convênios para alfabetizar ou se fez convênios para "politizar" e "concientizar", respondeu que os convênios eram feitos para a aplicação do método. Sobre este já afirmou o depoente não ter objetivos politizantes. Perguntado se pode negar que vendeu o seu suposto método de alfabetização, ao governo federal, por cinco milhões de cruzeiros, conforme informação do Gen R/1 JOSE RIBAMAR LEAO E SILVA, da comissão de Inquérito do MEC, respondeu que nega, jamais vendeu seu método ao governo brasileiro ou a qualquer outra instituição particular, ou pública nacional ou estrangeira. Perguntado se pode negar que recebe duzentos e cinquenta mil cruzeiros mensais pela exploração de seu suposto método de alfabetização no Distrito Federal (Brasília) conforme informação do Gen R/1 Jose Ribamar Leao e Silva da comissão já citada, respondeu que recebia uma gratificação de duzentos e cinquenta mil cruzeiros mensais, como presidente da comissão Nacional de Cultural Popular e posteriormente deixando esta presidência como coordenador do programa Nacional de Alfabetização, criado por decreto presidencial, isto inclusive foi declarado no seu imposto de rendas. Perguntado porque o depoente tem tanto horror à rigidez e mesmo à esquematização, em certos aspectos, tais como a do SEC e, sobretudo, não admitindo uma cartilha que o depoente julga a todas reacionárias, respondeu que o depoente por convicção não aceita as coisas rígidas, sem que isto signifique regeitar a ordem e a disciplina. Não aceita os esquemas rígidos porque os considera limitadores da inteligência do homem, quanto às cartilhas a que o depoente se referiu como reacionárias, repete o já afirmado anteriormente: a expressão reacionária singe-se ao aspecto pedagógico. Talvez realmente melhor tivesse tido, digo, dito estarem elas superadas, pelo menos quanto à Educação de Adultos. Perguntado onde trabalhava ao dia 1º de abril do corrente ano, respondeu que na Universidade, como diretor do SEC e na coordenação de programa Nacional de Alfabetização em Brasília. Perguntado onde está trabalhando agora, respondeu que na Universidade. Perguntado quais os seus principais inimigos no Brasil e em que interesses poderiam prejudicar o depoente, respondeu que não conhece inimigos seus. Perguntado qual o conceito que faz dos usineiros como um todo, (conjunto), respondeu que como uma classe que dinamiza um setor importante da economia brasileira sobretudo a do Nordeste. Perguntado qual o conceito que faz dos senhores de engenhos como conjunto, respondeu que como um conjunto constituem um grupo inserido na economia açucareira. Perguntado qual o conceito que faz dos comerciantes como conjunto, respondeu que constituem um grupo indispensável à economia de consumo. Perguntado qual o conceito que faz dos extremismos, nazismo, facismo, comunismo, respondeu que o pior possível, enquanto na verdade reduzem

Handwritten signature

Vertical handwritten text on the left margin: "Depoente: Dr. Germano Coelho"

enquanto na verdade reduzem o homem a uma coisa, a um objeto.

Perguntado que conceito faz das repúblicas democráticas popula-
res do tipo das dos Estados da "Cortina de Ferro", respondeu que
não gostaria de viver nelas, pelas razões expostas na resposta
anterior. Perguntado se tem entusiasmo pelo atual regime de Fi-
del Castro, digo, regime político cubano, respondeu que não. //

Perguntado se é um admirador de Fidel Castro, respondeu que
não. Perguntado se é um admirador do regime atual da URSS, res-
pondeu que não. Perguntado se é um admirador do PCUS, respondeu
que não. Perguntado se é um admirador do PCB, respondeu que não.
Perguntado que conceito fazia e faz de Governo GOULART, respon-
deu que era um governo com certos aspectos positivos, mas instá-
vel e sem inspirar suficiente confiança. Perguntado que juízo
fazia e faz de JOAO GOULART, respondeu que o seu juízo de Joao
Goulart como pessoa se associa ao feito como homem público e é
chefe de Estado, uma vez que não tinha relações pessoais com a
quele cidadão. Perguntado que juízo fazia e faz de Brizola, res-
pondeu que ao depoente parecia o senhor BRIZOLA, profundamente
irrequieto e agressivo. Perguntado que juízo fazia e faz de Mi-
guel Arraes, respondeu que fazia e faz um bom juízo. Pergunta-
do que juízo fazia e faz de Pelópidas da Silveira, respondeu //
que igualmente bom. Perguntado que juízo fazia e faz de José Er-
mirio de Moraes, respondeu que não tem nenhum juízo formado. //

Perguntado que juízo fazia e faz de Estácio Souto Maior, respon-
deu que também não tem nenhum juízo formado. Perguntado que juí-
zo fazia e faz do Dr. Joao Alfredo da Costa Lima, respondeu que
fazia e faz o melhor juízo do Dr. Joao Alfredo, quer como homem
particular, quer como homem público. O depoente conhece-o há de-
zesseis anos, jamais descobrindo nele nenhum gesto ou atitude //
que lhe desabonasse a conduta moral e cívica. É um homem de bem
Seu comportamento na Universidade como Reitor, pareceu sempre //
ao depoente respeitável e digno. Perguntado que juízo fazia e //
faz de Rubens de Souza, tesoureiro da UR, respondeu que igual-
mente bom. Perguntado que juízo faz de Luiz Carlos Prestes, res-
pondeu que faz o de ser ele um líder que defende uma ideologia
que não se identifica com as posições do depoente, reiteradas
vezes afirmadas em seu depoimento, Perguntado que juízo faz de
Juliano, respondeu que de um líder com cujas formas de ação não
concorda o depoente. Perguntado que juízo faz de Gregório Bezer-
ra, respondeu que idêntico ao feito ao senhor Carlos Prestes. //

Perguntado que juízo faz de David Capistrano, respondeu que ne-
nhum, não o conhece. Perguntado que pensa do Movimento de Cultu-
ra, respondeu que nasceu o MCP de um grupo de intelectuais Per-
nambucang, à frente o Professor Germano Coelho, com o objetivo //
de promoção do homem. O depoente participou de reuniões em que
se discutiam as sugestões apresentadas por aquele professor, //
homem católico, para a estruturação daquele movimento. O profe-
ssor Germano Coelho estudara em Paris, onde conhecera o movi-
mento PEUPLE ET CULTURE, de objetivos semelhantes e, se não es-
tá o depoente em erro, ligado àquela época ou hoje ao Ministér-
rio de Educação da França. Daquela instituição francesa julga //
o depoente terá o professor Germano Coelho recebido as influên-
cias para a fundação do MCP. Perguntado se reconhece que o MCP
foi criado por ordem do Congresso do PCUS em LEIPZIG, respondeu
que desconhece. E mais : se desconfiasse sequer da existência //
de tal ordem, jamais teria emprestado sua colaboração àquela //
instituição. Reinsiste o depoente nas suas convicções cristas
católicas, inconsiliáveis com a aceitação de determinações de
tal ordem. Perguntado se em caso de luta entre o Brasil e um //
país comunista ou socialista, com quem lutaria o depoente, res-
pondeu que em caso de luta do Brasil com qualquer outro país //
estará o depoente irretirita e absolutamente com o BRASIL, que
é a sua Pátria e a Pátria dos seus. Perguntado que pensa da RE-
volução de 31 de março do corrente ano, respondeu que.....

que os objetivos da revolução, não apenas constantemente proclama-
dos, mas alguns deles já em via de concretização, sob lideran-
ça do Exmo Sr. Presidente CASTELO BRANCO, correspondem aos ane-
seios do depoente. A ênfase que o Sr. Presidente vem dando à o-
bjetivação das reformas de base, em termos democráticos em tôdas
as suas manifestações, desde seu discurso de posse, deixa o de-
poente, como cristão e brasileiro, feliz e em paz. E em paz com
a sua consciência porque foi por tais empreendimentos que sempre
se bateu. Perguntado quais os comunistas que conhece, respondeu
que não tem convivência com nenhum comunista. Perguntado quais
os esquerdistas que conhece, respondeu que conhece democratas//
que defendiam as reformas fundamentais para o país, hoje lidera-
das pelo Sr. Presidente. Que pelo fato de assim procederem, qua-
se sempre eram catalogados como esquerdistas e até extremistas.
Perguntado quais as suas relações com os comunistas locais, res-
pondeu que não tinha relações com comunistas. Perguntado se so-
freu algum maltrato físico ou fome durante o período em que es-
teve preso pelo Exército, respondeu que pelo contrário, salien-
ta a maneira cortês com que vem sendo tratado pelo Exército, e
desde sua detensão. A bem da verdade esclarece ainda ter sido
cordialmente recebido pelo Exmo Sr. Secretário da Segurança Pú-
blica, ao tempo Cel Ivan Rui, como também pelo Dr. Alvaro Costa
Lima delegado Auxiliar. Perguntado se esteve foragido após o mo-
vimento revolucionário de 31 de março, respondeu que, vitoriosa
a revolução, se achava o depoente em Brasília. Nunca tivera a
intensão de abandonar o País, foragidamente. Encontrando-se porém
estafado, ficou em Brasília repousando em casa de um seu amigo.
Nos meados de maio, quando já se achava mais ou menos considera-
damente recuperado, voltou para o Recife, não o fazendo sem que
antes se informasse através de amigo para isso apresentado ao/
Exmo Sr. Gen Geisel, chefe da Casa Militar, pelo Exmo Sr. Gen/
Muricy, se havia algo contra o depoente em Brasília que exigis-
se sua permanência. Nada havendo, nem por parte do Exército e
nem da Polícia àquela época, contra o depoente, voltou para o/
Recife. Aqui chegou, apresentou-se no dia seguinte ao Exmo Sr.
Cel Ivan Rui, então Secretário da Segurança que, após uma con-
versa cordial, o encaminhou no dia seguinte ao Dr. Alvaro Cos-
ta Lima, com quem o depoente esteve várias vezes, sempre muito
bem recebido. Prestou depoimento à comissão de inquérito da Uni-
versidade, tendo sido por fim, detido no dia 17 de mês de junho
próximo passado. Perguntado se assinou listas de solidariedade,
respondeu que, de que se recorde o depoente assinou a algum tem-
po uma lista em defesa da auto-determinação de Cuba, como recen-
temente, uma outra de solidariedade ao então Governador Miguel
Arraes. Faz questão porém de salientar que a primeira em defesa
da auto-determinação de um país, de acordo inclusive com a pró-
pria política externa do Brasil. Da mesma forma, teria o depoen-
te assinado em defesa de outro país. A solidariedade, portanto,
não foi ao regime político, que este o depoente não aceita. Per-
guntado se assinou listas de protestos, respondeu que não se re-
corda. Perguntado se desconhece que as resoluções do Congresso
do PCUS em Leipzig foram publicadas nos jornais do Brasil e re-
produzidas nos jornais do Recife, nos dias em que era discutida
a criação do MCP, respondeu que desconhece totalmente. Pergunta-
do se desconhece o mesmo fato relacionado à pergunta anterior//
quando em Natal foi iniciada a campanha "de Pé no chão também se
aprende", respondeu que desconhece totalmente. Perguntado por-
que ads, digo, as cartilhas estão superadas - o depoente sempre
empregou o termo reacionárias - mesmo para a alfabetização de a-
dultos, respondeu que quanto a expressão "reacionárias" aplicada
às cartilhas, já disse o depoente referir-se ao aspecto puramen-
te pedagógico. Afirmou também que e melhor teria sido dizê-las
superadas. Esta superação decorre do fato de já não serem neces-
sárias para a alfabetização, em que pese isto não significar que
tenham perdido sua total validade. Perguntado porque motivo o/
depoente não organizava suas fichas de aulas ou seus roteiros...

Recife - Reg. de News - 15

Fl. 2260
Albuquerque

em cartilhas, respondeu que estava convencido de que conseguiria alfabetizar sem elas e o fazia, Perguntado se o depoente não reconhece que as cartilhas são "superadas" dentro da sua concepção, exclusivamente porque o mais importante era a politização que variava para cada turma, uma vez que a experiência anterior embora dentro da alfabetização constante, encontrava sempre uma politização progressiva, exemplo exato da sequência cartilha MCP e MEB, respondeu que não. A superação a que se refere o depoente, repetite, era apenas pedagógica. Sua preocupação que insistentemente vem afirmando, não era politizar, o que se pode fazer ou deixar de fazer, com ou sem cartilha. Para o depoente, o que se ha de fazer com o analfabeto é educá-lo, mais do alfabetizá-lo e nunca politizá-lo, Conscientizá-lo sim. Perguntado se haveria necessidade de mudar os roteiros, na mesma área, quando se tratasse apenas de alfabetização, respondeu que para o depoente alfabetizar e conscientizar estão ligados. Desta forma não lhe parece possível pensar em roteiros exclusivos para alfabetizar. Perguntado se o convênio era para aplicar o "seu método" por que motivo o governo sempre insistia apenas, no termo alfabetização, respondeu que talvez porque fosse, como é, a alfabetização uma necessidade imperiosa para o País. Perguntado se não acha que sua culpa poderia ter surgido após as perguntas formuladas às autoridades, civis e militares, (citadas), respondeu que não. O fato de ter providenciado a consulta àquelas autoridades, não implica em que se julgasse o depoente culpado. Perguntado se admite que a impressão do Major JOAO BAERE DE ARAUJO assessor da comissão de inquérito da Universidade é a de que o depoente não teve o cuidado necessário de estudar o que existia antes de sua tentativa, no Brasil e no estrangeiro e ainda demonstrou notável inocência-educacional-, respondeu que o depoente tomou conhecimento da opinião do Major neste momento. E que, como opinião e depoente a respeita. Perguntado onde mais, além da UR prestou depoimentos sobre os assuntos ora inquiridos, respondeu que além da UR, só a este IPM. Perguntado qual a impressão que teve do interrogatório da Secretaria de Segurança Pública, respondeu que não foi ouvido na SSP, tendo apenas mantido uma conversa cordial com o então Secretário Cel Ivan Rui e alguns encontros com Dr. Alvaro Costa Lima. Perguntado qual a impressão que teve do interrogatório prestado à comissão da UR, respondeu que teve boa impressão, Perguntado, digo, quanto às respostas que o depoente deu. Perguntado porque estava preparando passaporte para se ausentar do Brasil, respondeu que num sábado de junho passado, cuja data o depoente não pode afirmar, recebeu um telegrama assinado pelo Padre IVAN ILLICH, do CENTER OF INTERCULTURAL FORMATION de Cuernavaca, consultando se o depoente poderia dar um curso em inglês durante 15 dias daquele mês. Neste mesmo sábado, o depoente solicitou de uma amiga sua, que também o é do Dr. Alvaro C. Lima, que ela o consultasse sobre a possibilidade de o depoente viajar, desde porém, que pudesse dar o curso em português. Na segunda feira imediata o depoente telegrafou para aquele centro dizendo que só poderia dar o curso em sua língua. No período da manhã daquela segunda feira o depoente esteve na Universidade, conversando com D. Neusa Breckenfeld sobre que providências deveria tomar para o seu possível afastamento por dias. Na mesma tarde, o depoente providenciava para não perder tempo a obtenção dos papeis indispensáveis. A noite daquela segunda feira sua amiga telefonou-lhe, digo, telefonou-lhe, dizendo-lhe que o Dr. Alvaro Costa Lima não achava oportuna a saída do depoente naquele momento. Perguntado que julgamento fez da greve estudantil de junho de 1961 e onde estava naquela época, respondeu que julgou a greve imprecendente; que se encontrava no Recife e que ainda acompanhado de três professores católicos fora ao senhor arcebispo D. CARLOS COELHO, (hoje falecido), solicitar-lhe uma reunião daquela autoridade eclesiástica com a liderança da greve para convencê-la de que devia suspendê-la e retornar às aulas.....

Recife no Registros Novecentos

Alves
Esta reunião se fez e o depoente esteve presente a ela. Pergunta do que juízo faz das reivindicações dos universitários em torno do terço nos conselhos universitários, respondeu que julga indispensável dos estudantes nos conselhos universitários. Quanto ao terço seria talvez uma experiência a ser feita. Perguntado que juízo faz do "chamado estudante profissional", respondeu que péssimo. Perguntado porque seu suposto método de alfabetização destrói as hierarquias e em particular a militar, conforme declarou JARBAS MACIEL em uma das suas críticas (página 32 da revista de cultura da UR), respondeu que jamais poderia o depoente pensar na destruição da hierarquia, sem a qual nada existe. Apesar de serem do Professor Jarbas Maciel as afirmações referidas sobre as hierarquias militar e religiosa e não do depoente, parece que aquele professor se referia diretamente ao problema do amor que ele via essencialmente na segunda e não na primeira. P/ Perguntado se osseu conceito de ordem (página 9 do nº 4 da Revista de Cultura da UR) não é marxista, respondeu que não. Perguntado se as onze situações criadas (pag 14) e a forma dialógica (pag 12 do nº 4, tudo da Revista de Cultura da UR), não impedem, com tudo tão dosado e com tempo fixo, um diálogo impossível, em tese, respondeu que não. Que o diálogo é possível e deve ser feito e quem não o tenha realizado terá traído as convicções do depoente. Perguntado se insiste em que Jofre Dumasidier não pertence ao PC francês, respondeu que jamais teve conhecimento da filiação desse professor ao PC francês. Perguntado se o movimento PEUPLE ET CULTURE, não é, da mesma forma um MCP ordenado pelo PCUS em seu congresso de LEIPZIG, respondeu que insiste em que desconhece qualquer ligação nas suas origens entre o MCP e o PCUS e que se tais ligações houvesse e fossem do seu conhecimento, reafirma não lhe teria emprestado colaboração. Quanto a PEUPLE ET CULTURE nada sabe, além do que já disse. Perguntado porque as folhas do nº 4 da Revista de Cultura da UR foram arrancadas, tornando-se um problema difícil o arranjar uma revista inteira, respondeu que não foram propriamente 7 arrancadas as folhas da Revista nº 4. Esgotou-se o número e se tiraram separatas de três ou quatro artigos apenas. Daí a impressão de páginas arrancadas. Perguntado que conceito faz do uso de "praxis", respondeu que a "praxis" é um trabalho submetido à reflexão. Daí que seja exclusiva do homem. Perguntado se tem fato a alegar ou provas que justifiquem a sua inocência respondeu que pelo menos no momento nada tem a acrescentar a não ser reenfatar suas posições democráticas e cristãs. E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, deu o encarregado deste inquérito por findo o presente interrogatório, mandando lavrar este termo que, lido e achado conforme, assina com o indiciado com as testemunhas e comigo NOALDO ALVES SILVA, capitão, servindo de escrevivo, que o datilografei e subscrevi.

Helio Ibiapina Lima
HELIO IBIAPINA LIMA Ten Cel Enc IPM

Paulo Reglus Neves Freire
PAULO REGLUS NEVES FREIRE- Indiciado

Eros Jovino Marques
EROS JOVINO MARQUES Cap-Testemunha

Paulo Nepomuceno Barbosa
PAULO NEPOMUCENO BARBOSA 2º sgt. TEST

Noaldo Alves Silva
NOALDO ALVES SILVA Cap. Escrevivo

17

SISTEMA AVALO FOTIÃO:

Trabalho de Cultura (exposições)

Jogos (modo de usar; brinquedos)

Universidade do Recife

Serviço de Extensão Cultural

1963 (?)